

As Aparições do Anjo em 1915 e 1916

LUCIANO CRISTINO

Santuário de Fátima

1. As três aparições do Anjo, em 1915, no Cabeço de Aljustrel, paróquia de Fátima, patriarcado de Lisboa¹

O Padre Doutor Manuel Nunes Formigão, residente em Santarém, primeiro historiador dos acontecimentos e da mensagem de Fátima, tomando conhecimento deles, aproximou-se desta paróquia, em 13 de setembro 1917, e, no final desse mesmo mês, tendo ouvido uns boatos acerca de umas estranhas visões, ocorridas, antes das aparições marianas do mesmo ano, interrogou, pela primeira vez, Lúcia de Jesus, a 27 de setembro de 1917, sobre esse tema:

¹ A Diocese de Leiria foi restaurada a 18 de janeiro de 1918. Breve «Quo vehementius», de Bento XV, *Acta Apostolicae Sedis*, texto latino, ann. X, vol. X, 1.03.1918, pp. 81-83; original e tradução portuguesa, em: *Constituições do Bispado de Leiria, promulgadas por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria*, Leiria, 1943, pp. XXIX-XXXII; ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*, Nova edição, por Damião Peres, 1971, vol. IV, pp. 260-162.

«– Diz-se que a Senhora te apareceu, também o ano passado. Que há de verdade a este respeito?

– O ano passado nunca me apareceu (nem antes de maio deste ano); nem eu disse isso a pessoa alguma, porque não era exato.»²

Nos apontamentos de uma conversa com Maria Rosa, mãe da vidente Lúcia, no dia 11 de outubro de 1917, há nova insistência sobre o assunto:

«– O que há de verdade a respeito do que se passou o ano passado? Em que mês e dia e onde?

– Há um ano, vários pequenos (um irmão de Francisco, João) afirmam que lhes aparecia um vulto todo embrulhado num pano branco, sem se lhe ver o rosto, na Cova da Iria e noutros sítios, atrás do Moinho do Cabeço, umas poucas de vezes. Os outros, é que disseram. A Lúcia, só depois é que disse. Uma pequena, Teresa, do José Matias, e Maria do Manuel Pereira. A mãe disse-lhe que mentia, ralhou-lhe, e tanto que, da primeira vez, este ano [de 1917], ela disse à Jacinta e ao Francisco que se calassem, que a mãe ralhava.»³ Embora Maria Rosa tenha dito «o ano passado», não se refere, seguramente, às aparições do anjo, com Francisco e Jacinta, pela nomeação das companheiras de Lúcia.

No dia 19 de outubro de 1917, também o Padre José Ferreira de Lacerda, capelão militar, regressado da França, fundador e diretor do jornal *O Mensageiro*, de Leiria, subiu a serra, para interrogar várias pessoas acerca dos acontecimentos. Num dos seus apontamentos, sobre a conversa com Lúcia, registou o seguinte:

«– É verdade o menino correr a Imagem à pedra?

– Noutro ano, é que o João atirara a pedra.

A mãe conta que, no ano passado, em maio, aparecera outra imagem, e que esta é que fora corrida. Só um ano depois, é que houve outra aparição. [...]

– O que fizeram depois de verem a Senhora?

² *Documentação Crítica de Fátima* (abreviadamente: *DCF*) 1, Doc. 7, p. 54. Em todas as transcrições dos documentos da *DCF*, atualizamos a ortografia.

³ Interrogatório do Dr. Manuel Nunes Formigão a Maria Rosa, mãe da vidente Lúcia, em: *DCF* 1, Doc. 11, de 11 de outubro de 1917, 1.^a edição, 1992, pp. 83-84; 2.^a edição, 2013, p. 97.

– Vieram embora, e não contou nada. Tinha visto o outro ano, e tinha contado à mãe, e ela ralhou-lhe. A 1.^a vez que vira foi num sítio chamado as Estrumeiras.»⁴

O Padre Lacerda, na redação literária deste trecho, que veio a publicar, no seu jornal, a 15 de novembro, não dispondo de uma informação completa, entendeu, erradamente, tratar-se de Nossa Senhora, pelo que escreveu: «Nada mais natural que Lúcia conhecer a forma da aparição de Lourdes ou de Paray-le-Monial, e, tendo eu ouvido a alguém que o Francisco atirara uma pedra à Senhora – facto que se deu em Lourdes – interroguei-a:

– Sabes que Nossa Senhora apareceu em Lourdes a uma menina, e que um pequenito⁵ lhe atirou uma pedra, não lhe acertando? O Francisco correu a Senhora à pedra?

– O Francisco não atirou pedra nenhuma, e, só há dias, é que uma pessoa contou em minha casa que Nossa Senhora aparecera em França, mas eu não sei como isso foi.

[...]

– O que fizeram depois de verem e falarem com a Senhora [interpretação errada do Padre Lacerda]?

– Eu não disse nada. O ano passado, tinha eu visto a mesma Senhora [*idem*], numa terra chamada as Estrumeiras, e disse-o a minha mãe, ralhando-me ela muito e querendo-me bater; por isso, agora não disse nada. A Jacinta é que o disse; depois, perguntaram-me se era verdade e eu disse que sim e contei o que vira.»⁶

Também o Francisco foi interrogado pelo Padre Lacerda, sobre o mesmo assunto. Respondeu:

«– O irmão [João] é que o ano passado correu a Senhora.»⁷

⁴ Interrogatório do Padre José Ferreira de Lacerda a Lúcia, em: DCF 1, Doc. 47, de 19 de outubro de 1917, 1.^a edição, pp. 340-341, 2.^a edição, pp. 318-319. Como as declarações de Maria Rosa ao Dr. Formigão, assim as de Lúcia ao Padre Lacerda são indícios de uma vaga referência ao «vulto embrulhado», de que foram testemunhas várias crianças.

⁵ Não foi «um pequenito» que atirou uma pedra a Nossa Senhora, mas uma menina, Jeanne Abadie, que quis assustar Bernadette e as suas companheiras (cf. LAURENTIN, René – *Les apparitions de de Lourdes – Récit authentique*, Paris, 1966, pp. 46-47, cit. em DCF 1, Doc. 50, 1.^a edição, p. 356, nota 4; 2.^a edição, p. 333).

⁶ DCF 1, Doc. 50, de 15 de novembro de 1917, 1.^a edição, p. 356; 2.^a edição, p. 333.

⁷ DCF 1, Doc. 47, de 19 de outubro de 1917, 1.^a edição, p. 347; 2.^a edição, p. 324.

No mesmo dia 19 de outubro de 1917, também o Dr. Formigão voltou a interrogar Lúcia sobre o mesmo assunto:

«— O que viste há cerca de um ano? Tua mãe diz que tu e outras crianças viram um vulto embrulhado, que não deixava ver o rosto. Porque foi que me disseste, o mês passado⁸, que não foi nada?

— !...

— Dessa vez fugiste?

— Cuido que fugi.»⁹

Num interrogatório mais minucioso, que fez à Lúcia, no dia 2 de novembro de 1917, há novos desenvolvimentos sobre essas visões:

«— Não me tens querido dizer o que viste, o ano passado. Provavelmente, julgas que se trata de uma coisa sem importância, que não vale a pena averiguar bem. Pois crê que estás enganada. Preciso de saber o que foi que viste então e como foi que as coisas se passaram. É certo que te apareceu um vulto branco?

— É.

— Em que sítio?

— Vi esse vulto no Cabeço, às *Estrumeiras*¹⁰, ao pé da Cova da Iria...

⁸ DCF 1, Doc. 16, depois de 19 de outubro de 1917, 1.ª edição, p. 150; 2.ª edição, p. 154.

⁹ DCF 1. Ver nota 8.

¹⁰ *Estrumeiras*: «terreno de mato, pinhal e azinho, vulgar na região, e que na altura se chamava Estrumeira da Conceição, um pouco abaixo da Loca do Cabeço» (REIS, Sebastião Martins dos, *Síntese crítica de Fátima – Incidências e repercussões*, Lisboa, 1967, p. 52); «A *Estrumeira da Conceição*, pertencente a José Francisco Marto, da Casa Velha, no sítio chamado o Esbarradoiro = Escorregadoiro, sobre cujos pedregulhos em declive os gaiatos gostavam de brincar, deixando-se escorregar pelas pernas e ramos pendentes, dos pinheiros e azinheiras: Aqui se deu, por 1915, a primeira, vaga, Aparição do Anjo, que os deixou perplexos e impressionados» (IDEM, *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, 1970, extratexto, pp. 32-33); «Local mais ou menos exato, e a uns metros à frente do Esbarradoiro, onde se verificou a primeira, imprecisa, aparição do Anjo. — No grupo, com Lúcia, encontrava-se Manuel Pereira Carvalho, da Casa Velha, com o qual é possível evocar e reconstituir a cena e o momento: — Tinham brincado toda a tarde. Quando se dispunham a regressar a casa, e ele havia já separado o seu rebanhozito, por ter de seguir caminho diferente, sentiram um ruído inesperado e estranho, mas ele só as ouviu apontar e exclamar, entre exultantes e apreensivos: Ali! Ali! Olha! Olha! Ali! Ah! Etc... Manuel Pereira Carvalho, porém, nada absolutamente viu» (IDEM, *ob. cit.*, extratexto, pp. 64-65). Manuel das Neves, filho de José das Neves (Marto) e de Maria Vitória. Nasceu em Aljustrel, a 15 de novembro de 1904, em 15 de junho de 1991, identificou-nos o sítio da segunda visão como sendo a «Estrumeira da Carvalhiça», «ao fundo do Cabeço do Moinho, entre o Cabeço do Moinho e o Barreiro do Moimento, quando a gente passava pela Charneca acima». Apesar da diversidade da denominação, deve tratar-se do mesmo local (cf. DCF 1, Doc. 17, 2 de novembro de 1917, 1.ª edição, pp. 161 e 163, nota 14; 2.ª edição, p. 165).

- Quantas vezes o viste?
- Não me recordo quantas vezes.
- Viste-lo no chão ou em cima de alguma árvore?
- Vi-o em cima de uma azinheira.
- O que te parecia esse vulto?
- Parecia-me uma pessoa embrulhada num lençol.
- Dirigiste-lhe a palavra?
- Não lhe disse nada.
- Andavas sozinha ou estavam contigo outras pessoas?
- Da 1.^a vez, eu andava com a Teresa, do José Matias da Casa Velha, e com o Manuel¹¹, do Justino Pereira.
- Eles também viram?
- Disseram que também tinham visto.
- Da 2.^a vez, quem esteve presente?
- Estavam o Manuel, do José das Neves¹², de Aljustrel, e o Manuel, da Maria de Jesus, da Casa Velha.
- E da 3.^a vez?
- Da 3.^a vez, andávamos só eu e o João Marto, que disse que não tinha visto.
- O vulto estava de cada vez na mesma árvore?
- Apareceu em mais de uma árvore de cada vez.
- Como estava vestido?
- Estava todo vestido de branco. Eu não lhe via os braços nem os pés.
- Quem viu primeiro o vulto?
- Os outros viram primeiro, e disseram-me.
- Quanto tempo se demorou?
- Demorou-se pouco tempo.
- Disse alguma coisa?
- Não disse nada.
- Quem julgas que fosse esse vulto?
- Não sei o que era.

¹¹ Trata-se não de Manuel, mas de Maria, filha de Manuel Pereira, chamado Manuel Justino (cf. DCF 1, Doc. 17, 1.^a edição, p. 164, nota 25; 2.^a edição, p. 167, nota 25).

¹² Filho de José das Neves (Marto) e de Maria Vitória. Nasceu em Aljustrel, a 15 de novembro de 1904. Este nome só é referido neste documento.

- Era Nossa Senhora?
- Cuido que não era Nossa Senhora.»¹³

Joaquim Gregório Tavares, de Tomar, dirigiu-se «a casa dos pastinhos», depois do milagre do sol, a que assistiu, no dia 13 de outubro, e fez-lhes várias perguntas, «admirando a firmeza das suas respostas». Passados alguns dias (depois de 21 de outubro), redigiu um depoimento, muito significativo, para o assunto que estamos a tratar: «No lugar de Aljustrel, a um quilómetro de Fátima, concelho de Ourém, residem três pastorinhos: Lúcia, de 10 anos, Francisco, de 8, e sua irmã Jacinta, de 7 anos de idade. Têm declarado que, andando todos três, há 18 meses, a apascentar o seu rebanho, num sítio ermo, a 2 quilómetros da sua residência, lhes apareceu uma Senhora muito linda, sem nada lhes dizer, e que as ovelhas se mantiveram quietas, enquanto viram a Senhora, fugindo para um bocado de trigo próximo, apenas desapareceu. Dizem também que no dia 13 de maio último, Ela lhes apareceu novamente, no mesmo sítio, sobre uma carrasqueira ou pequena azinheira, do meio-dia para a uma hora, revelando-lhes um segredo, que não dizem a pessoa alguma.»¹⁴

Ao dizer «há 18 meses», o autor reporta-se a maio de 1916. Possivelmente, alude às notícias vagas que corriam, a respeito das visões do «vulto branco» ou «vulto embrulhado», embora fale de uma «Senhora muito linda».

E no jornal *Concelho de Mação*, de 18 de novembro de 1917, fez um pequeno resumo: «No lugar de Aljustrel, a um quilómetro de Fátima, concelho de Ourém, residem três pastorinhos: Lúcia, de 10 anos, Francisco, de 8, e Jacinta, de 7. Contam que, há 18 meses, perto da sua residência, lhes apareceu uma Senhora muito bonita. Nada lhes disse então.»¹⁵

Depois desta data, não se ouviu mais falar do «vulto embrulhado», até ao dia 28 de setembro de 1923, no decorrer dos interrogatórios oficiais do processo canónico diocesano, em que foi ouvida a Senhora Maria Rosa: «No ano anterior ao das aparições [de Nossa Senhora], ouviu a filha Lúcia

¹³ Interrogatório do P. Manuel Nunes Formigão a Lúcia, no dia 2 de novembro de 1917, em: DCF 1, Doc. 17, 1.ª edição, perguntas n.ºs 1 a 16, pp. 161-165; 2.ª edição, pp. 165-169.

¹⁴ DCF 1, Doc. 57, depois de 21 de outubro de 1917, pp. 401-402; 2.ª edição, pp. 373-374.

¹⁵ DCF 1, Doc. 58, de 18 de novembro de 1917, p. 407; 2.ª edição, p. 378.

e outras dizerem que tinham visto noutro lugar uma pessoa embrulhada num lençol. Não fez caso de tais palavras. Em 1917, no dia 13 de maio, a Lúcia não disse nada em casa do que se tinha passado na Cova da Iria. No dia seguinte, a mãe ouviu dizer a umas vizinhas que tinham perguntado à filha o que é que ela tinha visto. Julgou que se referiam ao ano anterior e ficou admirada de falarem em coisas tão antigas. Elas disseram que tinha sido na véspera, e que o Francisco e a Jacinta tinham dito tudo em casa. A Mãe de Lúcia continuou a não ligar importância ao que se contava.»¹⁶

No interrogatório oficial a que foi sujeita Lúcia, a 8 de julho de 1924, estranhamente, não foi interrogada sobre as visões anteriores a 1917: nem as visões do «vulto branco» (1915) nem as aparições do Anjo de Portugal (1916). Mais ninguém se pronunciou sobre esses assuntos, nem sequer no relatório final do processo canónico diocesano, em 1930, que foi redigido pelo Dr. Formigão¹⁷. Foi preciso chegar-se à segunda Memória da Irmã Lúcia (novembro de 1937), para voltar a ouvir-se falar das primeiras visões de Lúcia, com mais desenvolvimento, ainda sem indicar a data. Diz Lúcia: «Escolhi, pois, entre eles [pastores], três, para minhas companheiras e, sem dizer nada aos demais, combinei umas pastagens opostas. Eram as minhas escolhidas: Teresa Matias, sua irmã, Maria Rosa¹⁸ e Maria Justino. No dia seguinte, lá vamos com os nossos rebanhos para um monte chamado o Cabeço. Dirigimo-nos para a encosta do monte que fica voltada a norte. Na encosta deste monte, ao sul, ficam os Valinhos que V. Ex.cia Rev.ma [Bispo de Leiria], de nome, já deve conhecer. E na encosta que fica voltada ao nascente do sol, está a tal rocha de que também já falei a V. Ex.cia, no

¹⁶ DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, p. 84.

¹⁷ O Dr. Formigão, interrogado pelo Cónego Casimir Barthas, em 1956, sobre a sua brevidade, nos interrogatórios que fez sobre as visões, antes de 13 de maio de 1917, respondeu que «não mencionou o facto na sua redação do interrogatório, por recear que essa narrativa maravilhosa fosse aumentar, ainda mais, a desconfiança e a incredulidade perante o sobrenatural de Fátima, quando entendia que não tinha sequer uma utilidade direta no que respeita à mensagem em si mesma» (BARTHAS, Casimir, *Fátima segundo as testemunhas e os documentos*), tradução portuguesa, Lisboa: Editorial Aster, 1967, p. 31).

¹⁸ A Irmã Lúcia, nos primeiros interrogatórios, não refere esta companheira. Duas delas confirmaram estas aparições ao Padre José Pedro da Silva, em junho de 1947 (SILVA, José Pedro de, *Fátima e a conversão da Rússia*, Angra, 1950, p. 39, nota 1). E todas elas fizeram a mesma confirmação ao Padre Luís Kondor (cf. *Memórias da Irmã Lúcia*, I, 12.^a, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2006, p. 75, nota 9).

escrito sobre a Jacinta¹⁹. Subimos, com os nossos rebanhos, até quase ao cimo do monte. A nossos pés, ficava um extenso arvoredado que se espalha nas planícies do vale: oliveiras, carvalhos, pinheiros, azinheiras, etc. Um pouco mais ou menos aí pelo meio-dia, comemos a nossa merenda e, depois dela, convidei as minhas companheiras para rezarem comigo o terço, ao que elas anuíram com gosto. Mal tínhamos começado, quando, diante de nossos olhos, vemos, como que suspensa no ar, sobre o arvoredado, uma figura, como se fosse uma estátua de neve que os raios do sol tornavam algo transparente.

– Que é aquilo? – perguntaram as minhas companheiras, meias assustadas.

– Não sei!

Continuámos a nossa reza, sempre com os olhos fitos na dita figura, que, assim que terminámos, desapareceu. Segundo o meu costume, tomei o partido de calar, mas as minhas companheiras, assim que chegaram a casa, contaram o sucedido às famílias. Divulgou-se a notícia; e um dia, quando chego a casa, interroga-me minha mãe:

– Ouve lá: dizem que viste para aí não sei o quê. O que é que tu viste?

– Não sei.

E como não me sabia explicar, acrescentei:

– Parecia uma pessoa embrulhada em um lençol.

E, querendo dizer que não lhe tinha podido divisar as feições, disse:

– Não se lhe conheciam olhos nem mãos.

Minha mãe rematou tudo com um gesto de desprezo, dizendo:

– Tolices de crianças!

Passado algum tempo, voltámos com os nossos rebanhos para esse mesmo sítio e repetiu-se o mesmo, da mesma forma. As minhas companheiras contaram, de novo, o acontecido.

E o mesmo, passado outro espaço de tempo. Era a terceira *vez* que minha mãe ouvia falar, por fora, destes acontecimentos, sem eu ter dito palavra em casa.

Chama-me, então, já pouco contente, e pergunta-me:

¹⁹ *Memórias da Irmã Lúcia*, I (1935), II, 1, 12.^a edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2006, p. 54. Todas as citações das *Memórias da Irmã Lúcia* são feitas, depois da edição de 2005, com as divisões do texto, feitas, desde a primeira edição da Postulação dos Videntes (atualmente: Secretariado dos Pastorinhos).

– Vamos a ver: o que é que vocês dizem que veem para aí?!

– Não sei, minha mãe. Não sei o que é.

Várias pessoas começaram por fazer troça. E como eu, desde a minha primeira comunhão, me ficava, por algum tempo, como que abstrata, recordando o que se tinha passado, minhas irmãs, com algo de desprezo, perguntavam-me:

– Estás a ver algum embrulhado no lençol?

Estes gestos e palavras de desdém eram-me muito sensíveis, pois eu não estava habituada senão a carinhos. Mas isto não era nada. É que eu não sabia o que o bom Deus me tinha reservado para o futuro.»²⁰

Na sua *Quarta Memória* (dezembro de 1941), a Irmã Lúcia faz uma síntese destas aparições, que situa em 1915: “Pelo que posso mais ou menos calcular, parece-me que foi em 1915 que se deu essa aparição do que, julgo, ser o Anjo, que não ousou, por então, manifestar-se de todo. Pelo aspeto do tempo, penso que se deveram dar, nos meses de abril até outubro – 1915. Na encosta do cabeço que fica voltada para o sul, ao tempo de rezar o terço, na companhia de três companheiras, de nome Teresa Matias, Maria Rosa Matias, sua irmã, e Maria Justino, do lugar da Casa Velha, vi que sobre o arvoredado do vale que se estendia a nossos pés, pairava uma como que nuvem, mais branca que neve, algo transparente, com forma humana. As minhas companheiras perguntaram-me o que era. Respondi que não sabia. Em dias diferentes, repetiu-se mais duas vezes. Esta aparição deixou-me no espírito uma certa impressão que não sei explicar. Pouco e pouco, essa impressão ia-se desvanecendo; e creio que, se não são os factos que se lhe seguiram, com o tempo, a viria a esquecer por completo.»²¹

Nos *Apelos da Mensagem de Fátima*, redigidos em 1997 e editados, pela primeira vez, no ano de 2000, a Irmã Lúcia dá mais alguns esclarecimentos sobre este assunto, respondendo a uma das perguntas que mais frequentemente lhe dirigiam: «Diga-nos, Irmã, como é que se deram as primeiras aparições, das quais pouco ou quase nada se tem falado?»: «Devia ser pelos anos 1914 e 1915, logo que comecei a pastorear o pequeno

²⁰ *Memórias da Irmã Lúcia*, pp. 74-76.

²¹ *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 168.

rebanho, pertencente a meus pais, porque eu andava entretida na humilde vida pastoril e na companhia de outras meninas da terra, quando fomos surpreendidas por uma aparição que não soubemos definir. Encontrando-nos na encosta do chamado monte do Cabeço, vimos como se fosse uma nuvenzinha branca com forma humana, que tinha descido do firmamento e lentamente passava na nossa frente, sobre a copa do arvoredado que se estendia pelo vale a nossos pés, como que querendo atrair a nossa atenção e fascinar o nosso olhar. Algumas das meninas presentes contaram em casa aos pais o que tinham visto, enquanto eu guardei silêncio, limitando-me a confirmar o caso, quando era interrogada. Muitas perguntas me têm sido feitas sobre esta aparição, que se repetiu por várias vezes e noutros sítios. Ainda hoje, respondo como então: Não sei o que era, nem o que significava. Mas uma convicção íntima me ficou na alma e não quero ocultá-la: ela me faz crer que fosse o Anjo da Guarda. Talvez desta forma, sem falar, ele tenha querido fazer sentir a sua presença e preparar assim as almas para a realização dos desígnios de Deus. Até agora, não tenho querido falar destas aparições mais do que o indispensável, para responder a algumas perguntas. Hoje, porém, faço-o, não para vos certificar se foram ou não do Anjo da Guarda, mas para vos dizer que é certa a existência dos Anjos da Guarda, que foram criados por Deus para O servir, adorar, louvar e amar; como certo é igualmente que Deus, pela Sua especial bondade e misericórdia, destinou a cada um de nós um Anjo que nos acompanha, auxilia e guarda. Isto que vos digo, não o afirmo só pelo que me foi dado ver; se assim fosse, pouca força teriam as minhas palavras junto de vós. Mas digo-vos também o que Deus nos tem revelado nas páginas sagradas do Antigo e do Novo Testamento. Podeis não dar crédito ao que vos digo; mas não podeis duvidar da Palavra de Deus, contida na Sagrada Escritura [...]. Tendo presentes estas verdades, não nos parecerá tão estranho que Deus tenha querido servir-se, uma vez mais, dos seus anjos para nos dirigir um novo apelo à observância da sua lei e lembrar-nos o fim para que fomos criados.»²²

Apenas mais uma história, recolhida pelo Dr. Sebastião Martins dos Reis, relacionada com o «vulto embrulhado».

²² Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, 1.^a edição, Fátima: Secretariado dos Pastores, dezembro de 2000, pp. 37-38 e 41; 2.^a edição, *ibidem*, março de 2002, pp. 52-53 e 56.

Foi Teresa e Rosa Matias e a mãe delas, Maria de Jesus Matias, «que começaram a propalar a notícia [do aparecimento de “um homem embrulhado num lençol”], a que ninguém ligou a mínima importância, e foi pelas mesmas que Lúcia teve conhecimento de que o caso se tornara público. [...] A madrinha Teresa, “que vinha a ser tia direita de seu pai” [...] “não teve filhos, mas trouxe para casa uma criança, chamada Isabel», cujo “pai”, ao regressar do Brasil, a pôs fora de casa, por ter nascido na sua ausência. A mulher, Maria do Rosário, “do Vitorino”, confessou a culpa, mas o marido, Vitorino Pereira Guerra, manteve-se intransigente em a não querer em casa, já que não era filha dele. A pobre mãe não teve outro remédio senão aceder, o que fez, pondo a pequenita no quintal, por uma janela, por sinal. Lá a foi buscar e recolher a madrinha Teresa, mas a criança mal sobreviveu. Entretanto, a notícia das vagas e incertas aparições chegou estropiada aos ouvidos da madrinha Teresa, que as relacionou com a morte prematura da pequena Isabel. Dirigiu-se, por isso, a casa da sobrinha. Estava Lúcia no sótão da cozinha, quando a foram chamar, da parte da tia, que lhe perguntou com ar indisposto:

– *Ó Lúcia! Tu disseste que viste a minha Isabel, quando a minha Isabel já morreu?!...*

A resposta de Lúcia, que é textual, é perfeita e gráfica:

– *Eu nunca disse que vi a Isabel; o que eu vi foi uma figura branca, mas sem pés, nem braços, nem cabeça.»*²³

2. As três aparições do Anjo, em 1916, na Loka do Cabeço (duas vezes) e no Poço do Arneiro, no quintal da casa paterna da Lúcia, em Aljustrel, paróquia de Fátima, patriarcado de Lisboa

Enquanto as aparições do «vulto embrulhado» tiveram alguma divulgação, na época em que se verificaram (1915), e no ano de 1917, depois

²³ REIS, Sebastião Martins dos, *Síntese crítica de Fátima – Incidências e repercussões*, Porto: Edições Salesianas (depositária), 1967, pp. 50-51. Em nota, explica o Autor: «Esta Maria Isabel nasceu em Boleiros [Fátima], às duas horas da manhã de 22 de abril de 1894; foi batizada, a 9 de maio do mesmo ano, na igreja paroquial de Fátima, e morreu, com uma febre tifóide, tendo 15 anos de idade, em Aljustrel, às oito horas da noite de 22 de março de 1909.»

das aparições marianas, mas não voltaram a fixar a atenção de ninguém até à segunda Memória da Irmã Lúcia (1937), as três aparições do Anjo de Portugal, em 1916, permaneceram praticamente desconhecidas até à primeira Memória da mesma Irmã Lúcia (1935).

Há, porém, uma revelação do ano de 1958, também transmitida pelo Dr. Sebastião Martins dos Reis, que nos informa que as orações do Anjo já foram dadas a conhecer, em 1922, pela própria vidente, no Instituto Van Zeller, habitualmente designado por «Asilo de Vilar», no Porto, onde Lúcia de Jesus, entrou, em junho de 1921:

«Um dia – certamente em 1922, porque foi ainda antes de entrar para zeladora, a 2 de outubro desse ano –, estava Dina com Lúcia na aula de labores, durante o exame particular das Irmãs, ao meio-dia.

Encontravam-se a bordar, no bastidor, uma renda de tule para um roquete, quando, a meio da conversa, Lúcia diz a Dina:

– Vou-lhe ensinar uma oração que serve de preparação e de ação de graças da Comunhão, porque traz, muito bonitos e breves, os atos de Fé, Esperança e Caridade...

– Como é?

– É assim: “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos”, etc.

– É muito bonita, é. Onde a aprendeu?

– Reza-se muito na minha terra...

Neste momento, ia Lúcia a dizer – “Foi no poço...”, certamente para contar a Aparição do Anjo, mas teve de suspender logo, porque entrou a Mestra de classe, Madre Costa, ou antes, a Senhora D. Maria da Glória Costa. Como Dina, nem de longe suspeitava do que lhe queria contar, nunca mais lhe perguntou pelo fio interrompido da história... Pela mesma altura, porém, debruçou-se ela, curiosamente, sobre um papel escrito, de um centímetro quadrado, que Lúcia tinha dentro de um livro de orações. Lúcia observou:

– Pode ver à vontade, que não entende.

E não entendeu, de facto, porque o escrito só tinha as iniciais das palavras – estratégia vulgar entre raparigas. Verificou, porém, e acabou por saber, que as iniciais misteriosas eram simplesmente das palavras que compõem a oração do Anjo, “Meu Deus”...

A outra oração do Anjo, à Santíssima Trindade, ensinou-lha também, depois, quando a mesma Dina entrou para zeladora do Apostolado da Oração, a 2 de outubro de 1922, certamente no mesmo mês ainda.

– Vou-lhe ensinar uma oração muito boa, porque é própria para fazer reparação ao Santíssimo Sacramento.

Este espírito de reparação era muito incutido e reparado no Asilo de Vilar,

– “Santíssima Trindade, Pai, F. e E. S...”, etc.!

– Mas como é que a menina sabe orações tão bonitas?!

– Rezam-se na minha terra...

E nem Dina perguntou mais, nem Lúcia adiantou mais. *Dina Magalhães*; a 7-IV-1958.»²⁴

Imediatamente a seguir a este incidente, a mesma companheira, não resistindo a uma curiosidade espontânea, e aproveitando a confiança mútua, debruçou-se sobre um papel escrito, de um centímetro quadrado, que a Maria das Dores conservava dentro do seu livro de orações. A Vidente ignorada apenas lhe observou:

– Pode ver à vontade, que não entende nada.

E nada entendeu, de facto, porque a Maria das Dores, servindo-se de um estratagema vulgar entre raparigas ciosas dos seus segredos, só lá tinha escrito as iniciais de determinadas palavras! À companheira, porém, não foi difícil saber que as misteriosas iniciais eram simplesmente das palavras que compõem a oração do Anjo, de que há bem pouco lhe ouvira falar!...

Tudo isto se passou certamente ainda bastante antes de outubro de 1922, porque o sucedido aconteceu seguramente antes dessa data, perfeitamente fixada por ter sido então que a companheira em referência entrou

²⁴ Arquivo do Santuário de Fátima, António Maria Martins, fundo António Maria Martins, S. J. / Sebastião Martins dos Reis, caixa 11, pasta 26, capilha 79, doc. 89: «Apontamentos do Dr. Sebastião Martins dos Reis, ouvindo Dina Magalhães a 7-IV-1958», «Vilar: 1922 ap. do Anjo». Este documento só foi encontrado em 2010. Por isso, não foi transcrito na conferência de Luciano Cristino, «As aparições do Cabeço e de Aljustrel», pronunciada no dia 29 de abril de 2006, no Centro Pastoral de Paulo VI, no painel «As aparições nos Valinhos e Aljustrel e as intervenções do Santuário», editado em: *Aljustrel e Valinhos – O outro pulmão do Santuário de Fátima [28 e 30 de abril de 2006]*, Fátima: Santuário, abril de 2007, pp. 146-149, a partir do que escreveu o Dr. Sebastião Martins dos Reis, na obra *Na órbita de Fátima – Rectificações e achegas*, pp. 129-130.

para zeladora do Apostolado da Oração. É só por escrúpulo de verdade que a entrevistada não garante que o caso se tenha dado já em 1921...

Dentro do mais lídimo espírito do Apostolado da Oração, cultivava-se e florescia, no Asilo, a ideia reparadora. Foi isto que proporcionou e facilitou, à Maria das Dores, o ensinar, à mesma companheira, a Oração do Anjo à Santíssima Trindade. A época da aprendizagem desta oração, pode a entrevistada garantir que se deu em outubro de 1922, por se recordar, com exatidão, que foi dias depois de ter entrado para o aludido cargo de zeladora.

Também desta vez foi a Maria das Dores que tomou a iniciativa:

«— Se a menina quiser, posso-lhe ensinar uma oração muito boa, porque é própria para fazer reparação ao Santíssimo Sacramento.

— Diga lá.

— É assim: “Santíssima Trindade [...] peço-vos a conversão dos pobres pecadores”.

— Mas como é que a menina sabe orações tão bonitas?

— Rezavam-se na minha terra...»

E nem a companheira, nem a Maria das Dores adiantaram mais, ficando, uma na sua ignorância, e a outra com o seu segredo...

Temos, portanto, que, pelo menos em 1922, já Lúcia recitava e ensinava, incógnita, as mesmíssimas Orações do Anjo — garantia das Aparições, que tanta estranheza inútil haviam de causar a alguns críticos apressados, quando o grande público tomou conhecimento da extraordinária «revelação». Por enquanto, a história não pode dizer a última palavra; mas, por esta simples amostra, deve ser lícito entrever o que é permitido aguardar...

Um pormenor inesperado pode, por vezes, iluminar e resolver um problema complicado. O facto presente é um deles. E porque o é, impusemo-nos e exigimos, na pesquisa e na informação, todas as garantias de segurança e certeza, a fim de liquidar toda a possível controvérsia sobre este discutido aspeto da história de Fátima. Referem-se datas, lugares e circunstâncias, como se poderiam identificar pessoas, se, por agora, as conveniências não aconselhassem o contrário. Pensamos que este facto inédito é suscetível de dirimir e solucionar as últimas dúvidas e incertezas que possam subsistir quanto à veracidade das Aparições do Anjo...»²⁵

²⁵ REIS, S. M. dos, «O Anjo de Fátima e o Anjo de Portugal», em: *Na Órbita de Fátima — Rectificações e chegadas*, Évora: Editorial Centro de Estudos D. Manuel da Conceição Santos, 1958 (*nihil obstat e imprimatur*: 16.07.1958), pp. 129-130.

Quando ainda desconhecíamos a identificação da companheira de Lúcia, interrogámos esta, por carta, e ela, também por carta de 7 de junho de 1993, referiu-nos o seguinte: «Quanto ao nome da minha companheira de colégio a quem dizem que eu ensinei as orações do Anjo, eu tinha muitas companheiras, todas eram minhas amigas, e eu era amiga de todas, e não recordo havê-las ensinado a nenhuma; no entanto, pode ser que o tenha feito e agora me não recorde. Havia uma que a mestra de classe, habitualmente, punha a trabalhar junto de mim no mesmo bastidor; por isso, com essa, nas horas em que o silêncio era dispensado, tinha mais ocasião de falar; chamava-se Dina, não recordo o seu apelido, mas como ela seguiu a vida religiosa no Instituto de Santa Doroteia, pode ser que aí possam dar mais esclarecimentos.»²⁶

A Irmã Maria Emília Leitão, do Instituto de Santa Doroteia, confirmou-nos a identificação da companheira da Lúcia, como sendo Dina Magalhães. Do arquivo da Congregação obtivemos os seguintes dados: de seu nome completo, Dina Magalhães Pereira nasceu a 3 de junho de 1906, no Porto; entrou no Instituto de Santa Doroteia, a 21 de junho de 1929, e fez a profissão perpétua a 6 de fevereiro de 1938, em Vila do Conde; faleceu a 12 de outubro de 1975, no Externato de Nossa Senhora da Paz, no Porto.

A 25 de abril de 1955, o Dr. Formigão respondeu às «Posições e artigos para o processo de Jacinta». Na resposta aos artigos 9 e 10, depois de falar sobre as aparições de 1915, resumindo os seus interrogatórios de 27 de setembro e de 2 de novembro de 1917, escreve: «Perante declarações tão vagas, que, a meu ver, podiam comprometer, em certo modo, a obra admirável que se iniciara com as aparições da Santíssima Virgem, aconselhei a Lúcia a manter-se em silêncio sobre o assunto e não procurei mais informações neste particular. Porém, passados anos, talvez em setembro de 1923, fiz oficialmente vários interrogatórios. Entre estes, encontra-se o da Sr.^a Maria dos Santos Carreira – a Sr.^a Maria da Capelinha – onde encontro um testemunho que convém considerar. “Nos Valinhos perguntou a Lúcia à Senhora, a pedido da depoente, se Nossa Senhora tinha aparecido a mais alguém na Cova da Iria, e a Senhora respondeu que não era Ela, mas

²⁶ Arquivo do Santuário de Fátima – Carta da Irmã Lúcia, Coimbra, 7 de junho de 1993.

sim um vulto que a Carolina, filha mais nova da depoente, de doze anos, e uma pequena de sete anos, de Espite, viram a vinte e oito de julho, junto da azinheira, de pequena estatura, muito lindo, de cabelo loiro, vulto que depois a Carolina viu em cima da azinheira.” No documento que cito, há um lapso lamentável: não se indica o ano em que se dera esta aparição²⁷.

Em abono das vagas aparições dum anjo e provando, de algum modo, que o facto transpirou para o domínio público, distribuiu-se muito uma estampa colorida representando Nossa Senhora da Fátima na extremidade direita, tendo o sol resplandecente, por detrás da sua cabeça; em baixo, de joelhos, diante de uma balaustrada de onde pende um rosário, os três videntes; ao lado destes, um anjo em atitude orante, segurando uma açucena na mão direita; por cima do anjo, no ângulo superior esquerdo, as quinas, em escudo antigo. A estampa tem a seguinte legenda: “Aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos”. Ignoro quem tivesse sido o editor. Apareceu a edição, poucos anos depois dos acontecimentos de 1917²⁸. Dava por concluído este depoimento, quando encontro, a abrir o interrogatório em 1923, um indispensável esclarecimento: “No ano anterior ao das aparições, ela (a Sr.^a Maria Rosa) ouviu à filha Lúcia e a outros dizerem que tinham visto noutro lugar uma pessoa embrulhada num lençol. Não fez caso de tais palavras. Em 13 de maio de 1917, a Lúcia não disse nada em casa do que se tinha passado na Cova da Iria. No dia seguinte, a mãe ouviu dizer a umas vizinhas que tinham perguntado à filha o que é que ela tinha visto. A Sr.^a Maria Rosa julgou que se referiam ao caso do ano

²⁷ O Dr. Formigão não reparou que, na frase anterior, situa na Cova da Iria, junto da azinheira, a 28 de julho de 1917, a visão de um Anjo, por Carolina e uma pequena de sete anos, de Espite, vulto que Carolina, depois, viu, «em cima da azinheira». É evidente que não se refere ao Anjo de 1916.

²⁸ Desconhecemos se o Dr. Formigão descreve, de memória, a estampa, e por isso, se realmente situa, corretamente, a disposição das figuras e a própria legenda. Porque, nas estampas conhecidas desse tema, guardadas no Santuário de Fátima, as quinas estão à direita do observador, por cima do anjo; há legendas variadas, entre as quais, «Nossa Senhora do Rosário de Fátima salvai Portugal» e a legenda referida pelo Dr. Formigão. Estas estampas são seguramente posteriores a 1920, pois a figura de Nossa Senhora corresponde à da imagem esculpida por José Ferreira Thedim, pintada na Casa Fânzeres, de Braga, e colocada na Capelinha das Aparições da Cova da Iria, a 13 de junho daquele ano. Um exemplar dessa estampa tem impressa, no verso, uma «Oração – Portugal aos pés de N. S.^a do Rosário de Fátima», com o «pode imprimir-se» de D. José, bispo de Leiria, datado de 26 de fevereiro de 1926. Os pastorinhos vieram substituir a figura de uma donzela, cuja data mais antiga, escrita no verso, é 4.7.25, por sua vez, inspirada numa outra, em que a figura mariana é Nossa Senhora de Lourdes, e a legenda: «O María concebida sin pecado, rogado por nosotros que recurrimos a Vos». As quinas parecem ter sido juntas, mais tarde.

anterior, ficou admirada de falarem coisas tão antigas. Elas disseram que tinha sido na véspera e que o Francisco e Jacinta tinham dito tudo em casa. A mãe da Lúcia – conforme o depoimento que cito, esgotando assim a fonte de informação relativamente ao anjo – continuou a não ligar importância ao que me contava”».

A partir daqui, o véu do esquecimento cai sobre este ponto, considerado, de início, como pormenor perigoso, em que a Jacinta e o Francisco nunca falaram [nota do Padre António Maria Martins: nunca foram interrogados a tal respeito], pelo menos nada aparece que confirme o contrário. Até que o relato pormenorizado da Vidente Lúcia, cerca do ano de 1938, nos coloca em face do inesperado: as manifestações do Anjo de Portugal²⁹.

Interrogada também por nós sobre o assunto, a Irmã Lúcia não respondeu diretamente à questão, mas referiu-nos, que, de facto, informou o Senhor Bispo sobre as aparições do Anjo, «no verão de 1923 ou 24, durante os dias de férias que Sua Excia. me mandava ir passar na sua companhia, na Quinta da Formigueira, em Braga. Aí aproveitava para, detidamente e com mais vagar, conversar comigo [...]. O Sr. Bispo perguntou-me se, além das Aparições de Nossa Senhora, alguma vez tinha visto qualquer outra coisa. Respondi, dizendo que sim e foi então que contei as Aparições do Anjo. No fim, o Sr. Bispo respondeu, dizendo que continuasse a guardar segredo até que Sua Excia. me dissesse outra coisa. Assim o fiz até que me mandou escrever as Memórias»³⁰.

²⁹ MANUEL NUNES FORMIGÃO, «Resposta às posições e artigos para o processo de Jacinta», em: ANTÓNIO MARIA MARTINS (introdução e notas), *Novos documentos de Fátima*, Porto: Livraria A. I., 1984, pp. 353-356. Na nota 1, o Padre Martins diz: «Este documento, de que vou reproduzir a primeira parte, consta de 80 páginas e leva a data de 26.04.1955. É uma ampliação do que, em 1952, publicou o vice-postulador da Causa da Jacinta e do Francisco, cônego Dr. João Pereira Venâncio, que, a 8.12.1954 foi sagrado bispo.» Esta afirmação está errada. Trata-se, sim, das respostas do Dr. Formigão às *Posições e artigos para o processo sobre a fama de santidade, virtudes e milagres da Serva de Deus Jacinta Marto*, editados a 30 de abril de 1952, pelo postulador; cônego João Pereira Venâncio, para audição de testemunhas. O Dr. Formigão responde, citando o número dos artigos. No índice dos documentos, coloca a data de 07.05.1951, que certamente está errada, por ser anterior à abertura do processo.

³⁰ Arquivo do Santuário de Fátima, Carta da Irmã Lúcia, Coimbra, 7 de junho de 1993, em: CRISTINO, Luciano, *As aparições do Cabeço e de Aljustrel, em: Aljustrel e Valinhos: o outro pulmão do Santuário de Fátima: Jornadas de 2006*, Fátima: Santuário, 2007, pp. 150-151.

Portanto, as aparições do Anjo aos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, só foram conhecidas do grande público, aquando da divulgação das *Memórias da Irmã Lúcia*.

À luz do que se refere na *Segunda Memória* (21 de novembro de 1937), já a *Primeira Memória*, terminada no Natal de 1935, contém elementos que poderiam levar à suspeita que algo teria acontecido, num determinado sítio, antes das aparições de Nossa Senhora. Demos a palavra à Irmã Lúcia. «Depois das Aparições de Nossa Senhora, a Jacinta, para se ocultar das pessoas que a buscavam, ia esconder-se, com seu Irmãozinho, na caverna dum rochedo que fica na encosta dum monte que está em frente do nosso lugar e que tem no cimo um moinho de vento. O rochedo fica na encosta do lado do nascente; e é tão bem feita a loca, que os resguardava perfeitamente da chuva e dos ardores do sol. Além disso, fica encoberta por numerosas oliveiras e carvalhos. Quantas orações e sacrifícios, ela, aí, ofereceu ao nosso bom Deus!»³¹ No entanto, esta revelação só se tornou mais compreensível, depois da redação da *Segunda Memória*. Depois da descrição das visões indistintas de 1915, conta a Irmã Lúcia, nessa *Memória*, sobre as aparições do Anjo de Portugal:

«Por este tempo, o Francisco e a Jacinta pediram e obtiveram, como já contei a V. Excia Revma, licença dos pais, para começarem a guardar o

³¹ *Memórias da Irmã Lúcia*, I, II, 1, p. 54. O Dr. José Galamba de Oliveira, na 1.^a edição de *Florinhas de Fátima – Jacinta – Episódios inéditos das aparições de Nossa Senhora*, Fátima: Edição do Santuário, maio de 1938, pp. 49-50, transcreveu esta passagem de Lúcia e insere, logo na página 51, uma gravura, da autoria de Filomena de Freitas, sem legenda, de uma gruta, que, até 1946, se julgou ser a da primeira visão do Anjo, na primavera de 1916. Na 2.^a edição, «muito melhorada», acabada de imprimir a 10 de agosto de 1938, transcreve a mesma passagem (pp. 106-107) e a mesma gravura, sem legenda (p. 136). Mas, como observa o Padre Joaquín María Alonso, o Dr. Galamba de Oliveira, «evitou, cuidadosamente, qualquer alusão direta às aparições angélicas», mas nem evitou a alusão às «orações do Anjo», acentuada com a nota da página 171 em que se lê: «Orações que um Anjo lhe ensinou» (ALONSO, J. M., *História da Literatura sobre Fátima*, Fátima: Edições do Santuário, 1967, p. 26). Na terceira edição do Padre Luís Gonzaga da Fonseca, *Le meraviglie di Fátima*, com prólogo datado de 13 de julho de 1938, e publicada nos princípios de 1939 [*imprimatur*: 13 de maio de 1939], utilizando as duas primeiras *Memórias* da Irmã Lúcia. «Sem falar expressamente das aparições angélicas, o autor dá a conhecer (p. 88) as *preghiere dell'Angelo*. Naturalmente, também aqui, qualquer leitor com sentido crítico poderia perguntar, e escandalizar-se com a falta de resposta adequada, qual seria a origem de tais orações» (ALONSO, J. M., *ob. cit.*, p. 27). Na terceira edição da obra do Dr. Galamba de Oliveira, acabada de imprimir em outubro de 1942, finalmente, aparece um capítulo novo (pp. 59-66) sobre as aparições do Anjo, em 1916, já reveladas pelo Cardeal Cerejeira, a 13 de maio de 1942, baseando-se nos novos escritos da Irmã Lúcia. A gruta, agora no desenho de João Carlos (pp. 53 e 193), continua a ser a mesma das edições anteriores.

seu rebanho. Deixei, pois, estas boas companheiras e substituí-as por meus primos: o Francisco e a Jacinta. Combinámos, então, pastorear os nossos rebanhos nas propriedades de meus tios e de meus pais, para não nos juntarmos na serra com os demais pastores.

Um belo dia, fomos com as nossas ovelhinhas para uma propriedade de meus pais que fica ao fundo do dito monte voltado ao nascente. Chama-se essa propriedade Chousa Velha. Aí pelo meio da manhã, começou a chover uma chuva miudinha, pouco mais que orvalho. Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, em procura de um rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que, pela primeira vez, entrámos nessa caverna abençoada. Fica em meio dum olival, pertencente a meu padrinho Anastácio. Desde ali, avista-se a pequena aldeia onde nasci, a casa de meus pais, os lugares da Casa Velha e Eira da Pedra. O olival, pertencente a vários donos, continua até se confundir com estes pequenos lugares. Aí passámos o dia, apesar de a chuva haver passado e de o sol se haver descoberto lindo e claro. Comemos a nossa merenda, rezámos o nosso Terço e não sei se seria um daqueles que costumávamos, com o afã de brincar, como já disse a V. Excia Revma, passar as contas, dizendo só a palavra Ave-Maria e Padre-Nosso! Terminada a nossa reza, começávamos a jogar as pedrinhas. Alguns momentos havia, que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava, pois o dia estava sereno. Vemos, então, que sobre o olival se encaminha para nós a tal figura de que já falei³². A Jacinta e o Francisco ainda nunca a tinham visto, nem eu lhes havia falado nela. À maneira que se aproximava, íamos divisando as feições: um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza. Ao chegar junto de nós, disse:

– Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.

E, ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

– Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.

Depois, erguendo-se, disse:

³² Alusão às visões do «vulto embrulhado» que a Irmã Lúcia identifica com o Anjo de 1915.

– Orai assim. Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.

As suas palavras gravaram-se de tal forma na nossa mente, que jamais nos esqueceram. E, desde aí, passávamos largo tempo assim prostrados repetindo-as, às vezes, até cair cansados. Recomendai logo que era preciso guardar segredo e, desta vez, graças a Deus, fizeram-me a vontade.

Passado bastante tempo, em um dia de Verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro. (No escrito sobre a Jacinta, também já falei a V. Ex.^a deste poço.) De repente, vemos junto de nós a mesma figura ou Anjo, como me parece que era, e diz:

– Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– De tudo que puderdes, oferecei a Deus sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, ou sofrimento que o Senhor vos enviar.

Passou-se bastante tempo e fomos pastorear os nossos rebanhos para uma propriedade de meus pais, que fica na encosta do já mencionado monte, um pouco mais acima dos Valinhos. É um olival a que chamávamos Pregueira. Depois de termos merendado, combinámos ir rezar na gruta que ficava a outro lado do monte. Demos, para isso, uma volta pela encosta e tivemos que subir uns rochedos que ficam acima da Pregueira. As ovelhas conseguiram passar com muita dificuldade.

Logo que aí chegámos, de joelhos, com os rostos em terra, começámos a repetir a oração do Anjo: Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-vos, etc. Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração, quando vemos que sobre nós brilhar uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o Anjo, tendo na mão esquerda um cálix, sobre o qual está suspensa uma Hóstia, da qual caem algumas gotas de Sangue dentro do cálix. O Anjo deixa suspenso no ar o Cálix, ajoelha junto de nós, e faz-nos repetir três vezes: “Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, (adoro-vos profundamente e) ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue,

Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores.”

Depois levanta-se, toma em suas mãos o cálix e a hóstia. Dá-me a sagrada Hóstia a mim e o Sangue do Cálix divide-o pela Jacinta e o Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

– Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.

E, prostrando-se de novo em terra, repetiu connosco outras três vezes a mesma oração: Santíssima Trindade... etc., e desapareceu. Nós permanecemos na mesma atitude, repetindo sempre as mesmas palavras; e, quando nos erguemos, vimos que era noite e, por isso, horas de virmos para casa.»³³

Ainda na *Segunda Memória*, refere a Irmã Lúcia o que a Jacinta, já doente, lhe dizia: «Quando estou só, desço da cama para rezar as orações do Anjo; mas agora já não sou capaz de chegar com a cabeça ao chão, porque caio. Rezo só de joelhos.»³⁴ E a intervenção do Vigário do Olival: «Contei a sua Rev.cia como ela me tinha dito que já não era capaz de se inclinar até ao chão, para rezar. Sua Rev.cia mandou-me, então, dizer-lhe que não queria que descesse mais da cama para rezar; que, deitada, rezasse só o que pudesse, sem se cansar³⁵ [...] Eu gostava, sempre que podia, (de) ir ao Cabeço, à nossa lapa predileta rezar. Como a Jacinta gostava tanto de flores, à volta, colhia um ramo, na encosta, de lírios e peónias, quando os havia, e levava-lho, dizendo:

– Toma! São do Cabeço.

Ela pegava nelas e, às vezes, dizia, com as lágrimas a banhar-lhe as faces:

– Nunca mais lá torno! Nem aos Valinhos, nem à Cova da Iria! E tenho tantas saudades!»³⁶

³³ *Memórias da Irmã Lúcia*, pp. 78-79.

³⁴ *Ob. cit.*, p. 111.

³⁵ *Ob. cit.*, p. 111.

³⁶ *Ob. cit.*, p. 111.

Na *Terceira Memória*: «Em outra ocasião, levei-lhe [à Jacinta] uma estampa que tinha o sagrado cálix com uma hóstia. Pegou nele, beijou-o e, radiante de alegria, dizia:

– É Jesus escondido! Gosto tanto d’Ele! Quem me dera recebê-lo na igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo, todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital a levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! Que contente que eu ficava!»³⁷

Também o Francisco vivia com intensidade as Aparições do Anjo, como refere a Irmã Lúcia, longamente, na *Quarta Memória*, sobre o vidente³⁸.

«As datas não posso precisá-las com certeza, porque, nesse tempo, eu não sabia ainda contar os anos, nem os meses, nem mesmo os dias da semana. Parece-me, no entanto, que deveu ser na Primavera de 1916 que o Anjo nos apareceu pela primeira vez na nossa Lapa do Cabeço [...].»

«A segunda deveu ser no pino do verão, nesses dias de maior calor, em que íamos com (os) rebanhos para casa, no meio da manhã, para os tornar a abrir só à tardinha.

Fomos, pois, passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço, já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós. [...]

A terceira aparição parece-me que deveu ser em outubro ou fins de setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa³⁹.

Como já disse no escrito sobre a Jacinta [*Primeira Memória*], passámos da Pregueira (é um pequeno olival pertencente a meus pais) para a Lapa,

³⁷ *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 131.

³⁸ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia*, pp. 139-140.

³⁹ Baseando-se nos títulos que a si mesmo se deu o Anjo, na sua primeira e segunda aparição, respetivamente «Anjo da Paz» e «Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal», e se ter apresentado como o Anjo da Eucaristia, na terceira aparição, A. Varela Cid identifica o Anjo que apareceu aos três pastorinhos como o Arcanjo S. Miguel, considerado o «Angelus Pacis Michael», o Anjo Custódio de Portugal e também, «segundo os doutores da Igreja», o Anjo da Eucaristia. Baseando-se em dados da liturgia de S. Miguel em Portugal (8 de maio, 9 de julho e 29 de setembro) e em dados meteorológicos desses mesmos dias, situa cronologicamente as ditas aparições, nesses dias, o que, de certo modo, corresponde às declarações da Irmã Lúcia («A Mensagem de Fátima e a paz», em: *Congresso Internacional da Mensagem de Fátima e a Paz – Programa, Teses e Comunicações*, Lisboa, 1951, pp. 67-69). Como é sabido, a pedido da Conferência Episcopal Portuguesa, a Santa Sé, no reinado de Pio XII, em 1952, concedeu a Portugal a festa do Anjo da Guarda de Portugal, para o dia 10 de junho, introduzida no Próprio de Portugal.

dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha. Rezámos aí o terço e (a) oração que na primeira aparição nos tinha ensinado. Estando, pois, aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálix e sobre ele uma hóstia, da qual caíam, dentro do cálix, algumas gotas de sangue.»⁴⁰

A identificação mais completa dos lugares só foi possível, na visita, a 21 de maio de 1946, que a própria Irmã Lúcia fez, à Cova da Iria, Cabeço, Valinhos, Aljustrel e Fátima.

Demos-lhe a palavra que ficou exarada em documento precioso que só foi publicado em 1970. A Irmã Lúcia escreve na terceira pessoa, ocultando o seu nome:

[A Irmã Lúcia] «saiu com a R[evda] M. Brito, Dr. [José] Galamba, R. P. Carlos e outro sacerdote [Dr. João Pereira Venâncio], para ir visitar o Cabeço e Aljustrel. A [Irmã Lúcia] preferiu dar a volta pelo lado da Charneca, e foi ela que indicou o caminho. O R. P. Carlos, como sempre, à frente, entretido com as máquinas fotográfica e filme.

A [Irmã Lúcia] conduziu-os em direção ao Barreiro [...].

Chegados ao Barreiro⁴¹ a [Irmã Lúcia] cortou pela encosta do monte acima, e foi sentar-se na pedra onde estava sentada, com as três companheiras, a primeira vez que o vulto branco passou pela sua frente. Daí subiu até junto do Moinho, e desceu em direção à Loca. Passou, sem se dar conta, pelo Rochedo que julgavam o indicado.

A R. M. Brito e os sacerdotes que a acompanhavam, deixaram-se ficar para trás, e ela seguiu só:

– Que bom! – exclamava no seu íntimo... – Só Deus vê esse primeiro momento em que vou pisar de novo esse chão sagrado!...

⁴⁰ *Memórias da Irmã Lúcia*, pp. 169-170.

⁴¹ «O Barreiro do texto só é e pode ser, com certeza absoluta, o *Barreiro do Moimento*, donde se pode subir para o moinho do Cabeço de Aljustrel. Como a Lúcia não especifica o pormenor, esclareça-se que, para ir da Cova da Iria ao Barreiro do Moimento, ou foi pela estrada do Serrado Alagado e pela do Moimento, que se prolonga até lá, ou pela estrada das Paredes ou da Cova da Raposa, de cujo entroncamento se segue para o mesmo *Barreiro do Moimento*. Daqui é que, seguindo por uma velha congosta, em frente da casa da filha de Manuel Marto, ainda prima, em segundo grau, da Jacinta, “*cortou pela encosta do monte acima*”» (REIS, Sebastião Martins dos, *A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, Braga: Tipografia Editorial Franciscana, 1970, p. 120, nota 79).

E assim foi. Pôde, a sós com Deus, ajoelhar, curvar a fronte até à terra, e rezar de novo, em esse lugar, as Orações do Anjo... Beijou essa terra sagrada e voltou atrás a chamar os que a haviam acompanhado. Apenas os avistou, fez-lhes sinal que fossem. Ao grupo já se haviam juntado umas Religiosas Dominicanas, que ali haviam ido para visitar a Loca sagrada.

A... [Irmã Lúcia] indicou, então, os sítios exatos e as posições. Repetiram todos, aí, de joelhos, as Orações do Anjo, e dirigiram-se para os Valinhos. Atravessaram a Pregueira, propriedade dos pais da [Irmã Lúcia], mencionada na 3.^a aparição do Anjo, e que ela tanto gostou de voltar a ver, por tantas vezes aí ter passado com os seus priminhos. Aí indicou uma pequena carrasqueira, que se parecia com a da Cova da Iria, e pediu ao R. P. Carlos o favor de lhe tirar a fotografia.

[...]

Nos Valinhos, esperava-nos já um grupo de gente, não só da terra, mas até de fora [...].

O sr. Dr. [José] Galamba [de Oliveira] disse à [Irmã Lúcia] para entoar o Terço, mas ela escusou-se, dizendo que isso competia a um dos sacerdotes presentes. Um sacerdote entoou o Terço, e todas as pessoas, de joelhos com a [Irmã Lúcia], rezaram.

Daí, dirigiram-se para Aljustrel. Já mal se podia andar, com o povo que, à frente da [Irmã Lúcia], se apinhava. Entrou em casa dos pais, e dirigiu-se para o Poço, [ao fundo do Arneiro]. Aí, quis beber, e pediu licença, com voz alta e clara, que todos puderam ouvir:

– M. [Madre] Superiora: Dá-me licença de beber?

– Sim, Irmã!

[...]

Indicou as posições dos três, no momento da Aparição do Anjo, e voltou a entrar em casa. [...]

A [Irmã Lúcia] desejava ir ao cemitério e à igreja da freguesia: Mas como, entre tanta gente?! Mal se rompia pelos caminhos [...].

A [Irmã Lúcia] deu então por falta do Dr. [José] Galamba, e perguntou:

– O Sr. Dr. Galamba não vem?

– Foi tratar de um negócio urgente – respondeu o R. P. Carlos [...]

O Sr. Prior chegou o carro à porta da igreja: O R. P. Carlos, a R[ev.da] M [Madre] Brito e a [Irmã Lúcia] entraram e dirigiram-se para a Casa das Irmãs Doroteias. Era a hora de cear.

Quando saíram da mesa, estava na sala, à espera da [Irmã Lúcia], o Sr. Dr. [José] Galamba [e] o R. P. Carlos. A R. M. Superiora acompanhou aí a [Irmã Lúcia]. O Sr. Dr. [José] Galamba trazia a notícia de que já havia efetuado a compra do local onde se encontra a Loca verdadeira: Em um carro havia já ido, com o proprietário⁴², assinar a escritura a Vila Nova de Ourém...”⁴³

As aparições do Anjo, em 1916, foram sendo mais conhecidas, devido, sobretudo, às respostas da Irmã Lúcia a três interrogatórios: do Padre Hubert Jongen (fevereiro de 1946), de Joseph Georges Goulven (30 de junho de 1946) e do Padre José Pedro da Silva (1 de agosto de 1947).

⁴² «O proprietário, Manuel dos Santos Rosa, quando foi abordado para a venda, ao chegar à noite a casa e depois de ter passado o dia a semear milho nas Covas, recusou-se a fazê-la, tanto por não precisar de dinheiro, como, sobretudo, por se tratar de uma herança do pai, que perdera aos 4 meses. Propôs-se-lhe, por isso, uma troca por terra de semeadura, pinhal ou olival. Vendo, porém, tanto interesse, e por se tratar de eclesiásticos – Ilmos. e Revmos. Cónegos José Galamba e João Venâncio – resolveu ser-lhes agradável, aceitando a troca. Esta, contudo, foi posta de lado, no dia seguinte de manhã, quando da partilha subiram ao Cabeço, onde assentaram na simples compra: “Quatro contos por aquele monte de pedras, não era mal pago.” Entretanto, sabendo a mulher de Manuel dos Santos Rosa o motivo do interesse, e que lhe tinha sido ocultado, fê-lo saber ao marido, instando que não vendesse, e que não assinaria a escritura. O marido, todavia, por aquele velho e nobre pundonor pessoal de fidelidade irreversível à palavra dada, anuiu em ir logo a Vila Nova de Ourém, para aí se fechar, dentro dos termos legais, o “negócio urgente”. Esta a razão de o ex-proprietário se vir declarar lesado e prejudicado: – Se, no momento em que assinou a escritura, já tinha conhecimento dos motivos e do interesse da transação, a verdade é que o consentimento para ela lhe tinha sido arrancado, sem lhos explicarem. A mudança de posse para o Santuário fez-se posteriormente, sem que o comprador, como era “deveroso” e elementar, tivesse ganho, fosse o que fosse, com a transferência. Acrescente-se, agora, que todos os elogios são poucos para o bom senso do “arranjo” ulterior da Loca, mantendo e respeitando-lhe a magnífica e poderosa rusticidade primitiva» (REIS, S. M. dos, *A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, p. 127, nota 86). Escritura de compra e venda – 22 de maio de 1946. Vendedores: Manuel dos Santos Rosa e mulher, Josefina de Jesus, moradores na Casa Velha; comprador: Padre Doutor José Galamba de Oliveira: Uma terra de semeadura com oliveiras, no sítio do Cabeço de Aljustrel, freguesia de Fátima; confrontações: norte com António Pereira; nascente com Manuel Pereira Carvalho; poente com terreno pertencente ao Instituto de Nossa Senhora das Dores; sul com Manuel Vieira Júnior; valor: cinco mil escudos. (Notariado Português – Vila Nova de Ourém – L.º n.º 201, fls. 84.) O terreno foi doado ao Santuário a 16 de junho de 1965. Escritura de doação: Doador: Dr. José Galamba de Oliveira; Donatário: Santuário de Nossa Senhora de Fátima; uma terra de semeadura com oliveiras, no sítio do Cabeço de Aljustrel, limite de Aljustrel, freguesia de Fátima, que confronta do norte com o referido Santuário; do nascente com o referido Santuário; sul Manuel Vieira Júnior; poente Instituto de Nossa Senhora das Dores (Notariado Português – Vila Nova de Ourém – L.º B-446; fls. 55v). (Arquivo do Santuário de Fátima, Serviço de Administração, Processo de terrenos e edifícios, n.º 21044).

⁴³ Identificação dos lugares históricos de Fátima feita pela própria vidente em: *A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, pp. 120-130.

A 3 e 4 de fevereiro de 1946, depois de ter estado em Leiria e Fátima, o Padre monfortino holandês Hubert Jongen, entrevistou a Irmã Lúcia, em Tui, para se informar, junto dela, de vários pormenores sobre as aparições, com a intenção de resolver alguns pontos controvertidos por alguns autores. Registou as suas perguntas e as respostas na revista *Mediatrice et Reine*. Transcrevemos as que se relacionam com as aparições do Anjo:

«– Está certa, absolutamente certa, de que o Anjo lhe apareceu?

– Eu vi-o.

Disse este – vi-o – com a calma, a tranquilidade, a segurança de quem dissesse que visto o nascer ou pôr-do-sol. [...]

– O que impede muita gente de acreditar nas Aparições do Anjo, em 1916, é o silêncio total dos três videntes.

– Não é verdade que nunca tivéssemos falado a ninguém nessas Aparições.

– A quem as comunicaram?

– Em primeiro lugar, ao arcipreste do Olival. Merecia-me toda a confiança. Nada lhe oculte, nada. Recomendou-me que não dissesse nada a ninguém.

– Seguiu essa recomendação?

– Sim. Só falei nisso ao Senhor Bispo de Leiria.

– E que disse o Senhor Bispo?

– Também me recomendou que guardasse segredo.

– Porque não falou a ninguém do Anjo, na altura das aparições?

– Eu e outras pequenas tínhamos tido uma Aparição vaga do Anjo, em 1915, quando a Jacinta e o Francisco ainda não iam comigo a guardar o gado. Eu não tinha falado a ninguém nesse facto maravilhoso. As pessoas puseram-se a trocar do caso: Era uma lição que eu, quando o Anjo nos apareceu em 1916, ainda não tinha esquecido. Depois da Aparição do Anjo, no Cabeço, resolvemos não dizer nada a ninguém.

– Compreende-se isso; mas esse Padre Jesuíta [Edouard Dhanis] explica dificilmente que três crianças tenham podido calar completamente, durante anos, factos tão extraordinários.

– Se esse Padre – responde a Irmã, sorrindo – tivesse vivido o que nós vivemos, compreenderia.

– Que quer dizer com isso?!

– Depois que a Jacinta falou da primeira aparição de Nossa Senhora, andavam sempre a importunar-nos com minuciosos interrogatórios. Tomámos, por isso, esta resolução: Quando nos voltarem a perguntar: “Vistes Nossa Senhora?” – diremos: Sim; e se tornam a insistir: – “Que é que Ela disse?”, responderemos: – “Que se reze o Terço.” E, sobre o resto, calar-nos-emos.

Sorriu de novo, ao evocar as suas lembranças.

– Isso explica que estas Aparições tenham podido ficar ocultas por muito tempo. Mas porque guardá-las secretas até 1936?

– O Arcipreste do Olival, o Senhor Bispo de Leiria, as circunstâncias: tudo nos aconselhava a calarmo-nos. Não bastaria isso para guardar o segredo, até que o Senhor Bispo me obrigou a falar?!

– O Anjo disse, de facto: “Ofereço-vos... a Divindade de Jesus Cristo?”

– Sim.

– Não falta quem diga que é uma inovação no modo de falar da Igreja! Segundo estes, deve haver engano neste ponto.

– Talvez o Anjo se tenha enganado! – diz a Irmã, sorrindo.

– Não acha possível estar enganada?! Então não poderia ter esquecido as palavras exatas do Anjo?

– Imediatamente depois da Aparição do Anjo, começámos a rezar as orações que ele nos tinha ensinado.»⁴⁴

A 30 de junho de 1946, a Irmã Lúcia respondeu a um questionário que lhe foi enviado por Joseph Georges Goulven, advogado francês, a residir em Marrocos. Damos aqui apenas duas (a 8.^a e a 10.^a) das 65 respostas da Irmã Lúcia, com a identificação de alguns sítios onde os pastorinhos pastoreavam os seus rebanhos, alguns ligados às manifestações divinas entre 1915 e 1917, que seria muito bom serem devidamente cartografados e sinalizados⁴⁵:

⁴⁴ *Médiatrice et Reine*, 1 de maio de 1946, p. 10; 2 de julho de 1946, pp. 33-34; tradução portuguesa em: REIS, Sebastião Martins dos, *Na órbita de Fátima – Rectificações e achegas*, Évora, 1958, p. 123; *Síntese crítica de Fátima – Incidências e repercussões*, 1967, pp. 55-56; e *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga: Editorial Franciscana, 1970, pp. 69; 75-78.

⁴⁵ Sebastião Martins dos Reis, a quem se deve a divulgação deste interrogatório (*A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga: Editorial Franciscana, 1970, pp. 19-50), declara, sobre a identificação dos referidos sítios: «Assim ficamos a conhecer, com a simplicidade incidental

– «Ao pé do Cabeço, há Casa Velha ou Chousa Velha?

– No vale do Cabeço, para o nascente, há um pequeno terreno que pertencia a meus pais, e que se chama Chousa Velha. A uma pequena distância, há um lugar, mesmo em frente, de umas 16 casas, ou seja, famílias, que se chama Casa Velha.»

«– Quais os lugares onde os videntes levavam a pastar os seus rebanhos: Cabeço, Valinhos, Cova da Iria, Pregueira, Barreiro... Há ainda mais alguns?

– Há a Várzea, que pertence aos pais da Jacinta, onde o Francisco viu o Demónio; o Morrial, que pertencia a meus pais; a Barroca da Chã; o Outeiro; Arneiro; a Gouveia, etc. Além disso, íamos, às vezes, para a serra: umas, para o lado de Vila Nova de Ourém; outras para os montes do lado dos Casais.»⁴⁶

Conhece-se um outro interrogatório de 22 perguntas, devido ao Padre José Pedro da Silva, depois Bispo de Viseu, datado de 3 de julho de 1947 e respondido pela Irmã Lúcia, a 1 de agosto do mesmo ano, que ficou inédito até 1970⁴⁷. Recheado de dados muito importantes sobre variados aspetos das Aparições do Anjo e de Nossa Senhora, limitamo-nos a referir a pergunta e resposta n.º 6:

«– “Em outubro de 1917, a Irmã disse ao sr. Padre [José Ferreira de] Lacerda, [pároco da freguesia] dos Milagres, que, o ano passado, tinha visto a mesma Senhora, nas “Estrumeiras”, e que o tinha dito à mãe; e que ela tinha ralhado muito... Foi para manter em segredo as Aparições do Anjo, que assim procedeu, ou porque foi?

– Não me lembro de ter dito isto; mas, se o disse, deveu ser, referindo-me ao vulto que apareceu antes do Anjo, andando eu em companhia das três outras companheiras, já em algum escrito mencionadas: Teresa Matias, Maria Rosa Matias e Maria Justino. É certo que um dos motivos por que

das coisas que parecem e acontecem sem relevância, mais estes *lugares sagrados* de Fátima, que novamente robustecem a sua tangibilidade histórica e a psicologia diamantina da Vidente: Dir-se-ia que em Fátima nada está no ar, e tanto se apalpa e sente mais firme na terra, quanto mais se aprofunda na rocha aurífera das origens! Fixem-se e arquivem-se os elementos identificativos de cada um, tendo Aljustrel como ponto de referência» (*ob. cit.*, p. 33, nota 12).

⁴⁶ *A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, Braga: Tipografia Editorial Franciscana, 1970, pp. 33-34, nota 12.

⁴⁷ «D. José Pedro da Silva e o seu interrogatório sobre Fátima», em: REIS, S. M. dos, *A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições*, Braga: Tipografia Editorial Franciscana, 1970, pp. 51-64.

calei as Aparições do Anjo, foram, sem dúvida, as repreensões austeras de minha mãe, quando se falou de esta primeira aparição.»⁴⁸

Depois que ficou identificada a verdadeira Loca do Cabeço, o local passou a ser muito visitado. Os visitantes começaram a levar recordações. Foi necessária a intervenção do Santuário. Vejamos o aviso aparecido na *Voz da Fátima*: «Pelo facto de alguns fiéis menos conservadores, nos últimos meses, terem arrancado, até com o uso de martelos, pedras do local das Aparições do Santo Anjo de Portugal, pede-nos o Santuário de Fátima que tornemos público, que tal se não deve tornar a verificar, não só por esse local, com o seu primitivo aspeto, ser uma relíquia religiosa do País de inestimável valor, mas também porque se estuda a forma de o engrandecer e impor à veneração dos portugueses, pela forma mais condigna que lhe for possível. Rogamos a todos os fiéis que zelem por ele, sempre que para isso tenham o ensejo.»⁴⁹

E o Padre Dr. José Galamba de Oliveira, evocando aquela identificação da verdadeira Loca do Cabeço pela Irmã Lúcia, que o levou, como vimos a adquirir aquele terreno, escreveu: «Foi então que, pela primeira vez, contemplámos com o olhar as pedras toscas da Loca do Cabeço, santificadas pelo contacto do Anjo de Portugal e celebrizadas pelas suas aparições aos três pastorinhos de Aljustrel.» «A Irmã levou consigo uma pedrinha. Sem respeito pelo local e com uma devoção mal-entendida, muitos peregrinos não se contentam de levar pedrinhas soltas, folhas secas, flores silvestres ou fios de erva, queimados pelo sol: vão-se com fúria às rochas e de tal forma as desbastam que, daqui a pouco, se se lhes não acode, não fica vestígio da Loca.»⁵⁰

Já em abril de 1958, se anunciava a construção de um monumento no local: «Na Loca do Cabeço vão ser colocadas as figuras do Anjo e dos três Pastorinhos, Lúcia, Jacinta e Francisco. Os Pastorinhos, de joelhos, e o Anjo, dando-lhe a sagrada comunhão, segura numa das mãos o vaso e na outra a hóstia. O grupo ficará vedado por correntes de ferro seguras em

⁴⁸ *Ob. cit.*, pp. 56-57. Como acima se refere, a Lúcia não disse que Nossa Senhora lhe tinha aparecido, «no ano passado». Foi má interpretação do Padre Lacerda.

⁴⁹ *Santo Anjo de Portugal*, em: *Voz da Fátima*, 26 (298), 13 jul. 1947.

⁵⁰ OLIVEIRA, José Galamba de – «A História das Aparições», em: *Fátima Altar do Mundo*, vol. II, Porto: Ocidental Editora, 1954, pp. 132-133.

pilares também de ferro. As imagens, da autoria da Sr.^a D. Maria Amélia Carvalheira da Silva, desde há meses que têm estado expostas no átrio da Casa dos Retiros do Santuário.»⁵¹

O conjunto escultural foi inaugurado, no dia 12 de agosto de 1958: «O local permanece como era em 1917. Naquela moldura original, a oração, ali ensinada pelo Anjo – Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos... –, recitada em uníssono por milhares de almas, pode ser figurada por misteriosa língua de fogo que atravessa o espaço e vai enterrar-se no Coração de Deus, inclinando para nós a torrente das suas misericórdias.»⁵²

No Poço do Arneiro (onde se deu a aparição do Anjo da Guarda de Portugal, e a Jacinta teve a visão do Santo Padre, que chorava e rezava, de joelhos e com as mãos na cara, numa casa grande) foram colocadas as estátuas do Anjo e dos Pastorinhos, da autoria da escultora Maria Irene Vilar⁵³.

⁵¹ *Um monumento na Loka*, em *Voz da Fátima*, 36 (427), 13 abr. 1958, p. 2, col. 3. A grade é da autoria do escultor Domingos Soares Branco.

⁵² *Voz da Fátima*, 36 (432) 13 set. 1958, p. 1.

⁵³ DUARTE, Marco Daniel, *Arte sacra em Fátima: uma peregrinação estética*, Fátima: Fundação Arca da Aliança. 2006, p. 152.